

# O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

**ASSIGNATURA**

Braga : mez 100 rs.: trimestre, 300 rs.  
 Provincias : trim., 330 rs.  
 Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

**Braga, 8 de Maio de 1893**

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

Rua de Santa Margarida  
 N.º 66

## À MOCIDADE

A vida humana—a planta humana—ostenta, como verdadeira arvore, sua raiz, seu tronco, seus ramos, suas folhas, suas flôres, seus fructos. Na virilidade está o tronco robusto com seus braços arrogantes, mas na juventude está a copa virgem e bella, fresca, setinosa, delicada, irrequieta, vibrantissima, sempre virente e sempre florejante, que, por entre auras e aromas, ao sopro das brizas e ao rosicler das auroras, se dobra e se desata em pomos formosissimos. Dos velhos vem a experiencia, a historia: dos novos brota a esperanza, a prophacia.

Vós, moços portuguezes, que sois hoje o esmalte e a delicia da familia e que sereis amanhã o lustre e a ventura da patria; vós, cujos peitos expluem os sentimentos generosos e cujos cerebros faiscam as ardentes aspirações; vós, que ides urdir com os maravilhosos fios da idéa e matizar com os variados acontecimentos da vida a larga tela da civilisação contemporanea; vós, que enthousouraes a poesia e o amor em coração limpo como a perola se enthesoura em concha nacarina; vós, hilariantes e cultos, laboriosos e dextros, intelligentes e doceis, expansivos e ingenuos, esbeltos e bons; vós, os novos e os bellos, aperecebeis-vos egregiamente para a lucta, e, chegada a hora, luctai com valentia. Sois christãos e patriotas; exemplificai as virtudes e as crenças, e consolidai os elementos sociaes. Sois representantes do direito; sede aristocratas do dever. Sois a vida, a esperanza e a força; sois os operarios do futuro. Levantai-vos. Filhos de uma raça heroica e de uma nação pugnacis-

sima, zelai-lhe as tradições e renovai-lhe as galhardias.

Armai-vos nobremente, armai-vos de ponto em branco não com o ferro mas com a idéa, não com o fogo mas com a palavra; e, revestidos da rija couraça, da triplíce couraça da fé, do amor e da luz, descarregai botes sobre botes contra esses vandalas, que ali estão devastando e apisoando uma geração infeliz. Sede implacaveis com os maus. Sois os sentinellas da patria e sois os mensageiros de Deus.

### ABSTRAÇÃO

I

Quando aibro o livro á luz do candieiro  
 Na tristeza das noites estrelladas  
 E me expira no ouvido em vagas toadas  
 Da cidade o bulicio derradeiro....

E lá fóra pia o mocho agoireiro  
 Até vir o arrebol das alvoradas...—  
 Uma harmonia de ideaes balladas  
 Me acalenta a alma n'um sonho ligeiro!..

E eu fico muitas vezes a scismar  
 Na tua esbelta imagem fascinante,  
 Na curva do teu collo seductor...

E, sem lér o compendio e o folhear,  
 Eu me inicio assim, pobre estudante,  
 Nos mysterios da sciencia do Amor!...

II

As horas vão correndo: é já noite alta...  
 Tudo silencio em tórno. O livro aberto  
 Sem eu lér nada... e o dia já vem perto...  
 E assim logo talvez na aula uma falta...

A minha alma phrenetica se exalta—  
 Como sobre as arcias d'um deserto  
 Correndo após um resplendor incerto...  
 —Uma miragem que o arrebol esmalta!..

Ei-la vagando em regiões ignotas  
 Audaz, como as intrepidadas gaiotas  
 Pairando entre os baldões do mar sem calma...

E não descansará n'esta viagem  
 Sem freguas após ti—bella miragem!—  
 Se não no oásis d'amor d'essa tua alma!..

M. Gonçalves Cerejeira.

## Glorias terrenas

Nada ha mais ephemero, nada ha mais imbecil, do que glorias terrenas.

As glorias terrenas—são ondas que se desfazem em espuma nos penhascos da praia, são nuvens de pó que o vento levanta e espalha pela superficie da terra.

Embora, tu oh homem, levantes monumentos estupendos, rasgues as nuvens com as mais assombrosas e architheticas cupulas, ouses reproduzir na tela as mais sublimes e arrojadas concepções do teu espirito; ou sejas um poeta inspirado e ardente como Camões, ou sejas um guerreiro denodado e intrepido como Napoleão, jamais conseguirás vingar do olvido a tua memoria.

E, se agora passarmos a apreciar cada uma d'estas cousas em separado, depressa nos convenceremos de quão contingente é a memoria humana!...

Se tiveste uma inspiração poetica tal, que te tornaste ou o maior poeta épico, ou o mais sublime poeta lyrico; se tiveste uma bocca d'onde fluiram caudaes as correntes da eloquencia, que prenderam os animos e dominaram os espiritos,—que logras-te com isso?

—Deixar apenas um nome, de Homero ou de Pindaro, de Demosthenes ou de Cicero.

Se em logar, porem, da inspiração poetica e da facundia, a paleta te guiar o genio da pintura e copiars a natureza tão fielmente que chegue a enganar as aves; e te appelles Apollodoro ou Zeuxis, Parrhasio ou Apelles, não lograste senão deixar um nome, que depressa se offusca com o brilho d'outros.

E, se da pintura passarmos á escultura, aconteceu exactamente o mesmo. Idealisa as formas mais arroubantes, e reprodul-as no marmore, no jaspe, ou no atabastro, e diz-me em que augmentaste a tua fama?

Dá-me uns leves traços, oh Roma, da phisionomia dos genios que produziram essas obras gigantes e que se encontram espalhadas pelos principaes museus do mundo!... Dá-me uns simples traços, oh Roma, da phisionomia d'aquelles que crearam essas maravilhas que se encontraram soterradas

nas ruínas de Herculánium e Pompeia!  
Silencio!

Poder-me-has fallar d'um Praxiteles  
d'um Phidias Prosciteles? Certamente  
que não.

Se da esculptura passarmos a fallar  
da musica, dá-se o mesmo silencio.

E, se ainda da musica, passarmos  
a mencionar as inclitas façanhas dos  
grandes capitães, como Alexandre Ma-  
gno subjugando a Asia, Julio Cesar  
esmagando com as suas legiões o po-  
der das Gallias, Napoleão tentando,  
nos tempos modernos, avassalar a Eu-  
ropa, dizei-me se por isso se tornaram  
immortaes?

Tudo n'este mundo é fragil e que-  
bradico como o barro de que o homem  
é formado.

.....  
*Misera sorte! estranha condição!*

Braga 4—3—93

A. Passos.

—•••••  
**A TARDE**

(Quando ella dorme)

A. A. Granja.

Doirada borboleta divinal,  
—Meigo sorrir de cherubim nevado—,  
Sorve o mel de seus labios de coral  
Como ao lyrio mais casto perfumado...

O sol abrazador—sol estival—  
Faz-lhe tremer o corpo denudado,  
E da-lhe ao sonho a cor aureoreal  
D'um beijo d'oiro em mystico noivado...

E a borboleta, já ebria de beijos,  
Oh! vae fugindo em languidos adejos  
Dos seus labios febris, euvnenados...

E ella accorda depressa n'um instante,  
Mas, pensando qu'abraça o seu amante,  
Ella tem outra vez sonhos doirados...

M. Oliveira.

—•••••  
**DEUS E O AMOR**

Por te amar perdi a Deus,  
Por teu amor me perdi;  
Agora vejo-me só,  
Sem Deus, sem amor, sem ti.

Eu amante e teu amante,  
Qual de nós será mais firme?  
Eu, como o sol, a buscar-te,  
Tu, como a sombra, a fugir-me...

Não sei que quer a desgraça,  
Que atraz de mim corre tanto!  
Hei de parar e mostrar-lhe  
Que de vel-a não me espanto!

Se te enfastia o eu querer-te,  
E' força por fim deixar-te,  
Ensina-me a aborrecer-te,  
Que eu não sei senão amar-te.

T.

**PEQUENO CONTO INFANTIL**

O mães, que tendes filhos, mães piedosas  
Quando elles morrerem creancinhas  
Enfeitai-lhe os caixões de brancas rosas  
Deixae, deixae voar as adorinhas  
Em busca de paragens luminosas.

(G. Junqueiro)

A Mariquinhas e a Francisqui-  
nha eram duas formosissimas crean-  
ças encantadoras como os amores.  
Não conheceram o pae, que tinha  
mourido pouco depois d'ellas nas-  
cerem; eram irmãs gêmeas aquel-  
las duas flôres e tinham por com-  
panhia sua mãe, uma senhora no-  
va e esbelta, que tinha a maior  
das predilecções por aquelles ly-  
rios de candura e innocencia.

Brincava com as filhinhas para  
entretel-as, sentava-as no seu do-  
ce regaço contando-lhes historias,  
acariciava-as e beijava-as com  
amor e ternura que seduziam.

Tinham 6 annos; as compa-  
nheiras da aula estimavam aquel-  
las duas gentis e graciosas crean-  
ças como se todas fossem irmãs.  
Ellas, correspondendo com equal  
amizade á estima das suas compa-  
nheiras, repartiam por as mais po-  
bres da merenda que levavam no  
açafate.

Todas as demais gostavam de  
ver aquella caridade infantil e lou-  
vavam os sentimentos generosos e  
puros das duas irmãs.

Uns dias as irmãs (como  
lhe chamavam as companheiras)  
não foram á aula: a Mariquinhas,  
estava doente e poucas esperanças  
havia de a salvar.

A Francisquinha que via a sua  
mãe triste e a irmã muito doente,  
não sahia da cabeceira do peque-  
nino leito onde a Mariquinhas pun-  
gia os seus soffrimentos. Velava  
junto d'ella com todo o carinho,  
compartilhando das dôres da infe-  
liz irmã que lhe ia fugir.

.....  
Era uma tarde de primavera; o  
sol de maio expandia-se em risa-  
das de crystal, e o sino da Ermi-  
da do Monte repenicava alegre e  
festivo, chamando os habitantes da  
formosa aldeia á festa.

Lá seguiam caminho acima da  
Ermida, homens e mulheres da  
aldeia, contentes e satisfeitos para  
gosarem o dia da festa que breve  
se passava.

Quando o sol morria no poen-  
te, começavam os romeiros a de-  
bandar: o sino que até então rep-  
nicava alegre em signal de fes-  
ta, repericava agora alegre pa-  
ra os anjos, mas triste para dous  
corações que ficavam cá cheios de  
saudade e de dôr.

A Mariquinhas voára, n'aquella  
tarde de festa, á mansão celeste.

O pequenino esquife onde re-  
pousava esse lyrio de candura,

creado para Deus, estava coberto  
de florinhas que lá deixara a ir-  
mãzinha e a mãe.

Quando era conduzido para o  
cemiterio entre as alas das com-  
panheiras que pranteavam senti-  
das a morte da innocente, os seus  
labios frios pareciam sorrir entre  
as flôres que a cercavam.

Quando se approximaram do  
coval, onde ia ser lançada a infe-  
liz Mariquinhas, arrebatada tão  
cêdo ao convívio das amigas, es-  
tas crusaram os olhares, levanta-  
ram os ao céu como que dizendo:  
—E' lá que tu vives.

Todas depozeram um beijo de  
saudade n'aquelle rosto ideal e ge-  
lido, todas depositaram uma flôr  
na campa orvalhada de lagrimas  
puras d'amor e innocencia.

Como era commovente ver to-  
das as companheiras cumprirem  
esses sagrados preceitos da Fra-  
ternidade!

Sêde assim, bondosos lyrios de  
pureza, candura e amor: cumpri  
os deveres da Humanidade, e  
aprendeí a amal-os desde a inno-  
cencia, oh bellas creancinhas!

Segui o que ensinou aos homens  
o Mestre Sublime.—Amac-vos uns  
aos outros.

\*  
Passados alguns dias a Francis-  
quinha foi visitar a campa da sua  
irmãzinha e mais sua mãe: na  
campa depositou uma corôa d'a-  
mores, saudades e açucenas com  
fitas brancas, onde se lia:

Voaste querida, aos céos,  
pede lá por nós a Deus.

Mãe e irmã, ficaram inconsola-  
veis com a perda d'aquelle ente  
querido.

Eu não sei se fôra melhor como  
diz o poeta:

Não acordeis as timidas creanças  
No pequenino tumulo risonho:  
Ditosos os que vivem como esp'raças,  
Felizes os que morrem como um sonho.

(G. Junqueiro).

Foi como um sonho que mor-  
reu: é melhor do que conhecer as  
ingratidões do Mundo.

P. Basto.

—•••••  
**Preferencias**

(Nas varetas d'um leque)

Páris a Venus, cuja fama gosa  
De ter na Formosura os seus haveres,  
Dêra-lhe o pomo, como a mais formosa  
Entre as mulheres.

Mas fora-lhe decerto conferido  
O tal pomo e dada a preferencia,  
Por n'esse tempo não haver nascido  
Vossa excellencia.

Raul Cardoso

PERFILISANDO

**Sebastião de Sá.**—Tem uma qualidade pouco vulgar entre estudantes, que lhe deve ser obstaculo de muitos males e origem de muitos bens.

E' que nunca pára um momento n'um café.

Vê-se brincar com os seus collegas como um collegial em recreio; é capaz de cantar duas balladas n'uma noite de luar; gasta um vin-tem de grã n'uma tarde estudando o seu Serrasqueiro; cavaqueia duas ou tres horas sem se lembrar que nunca mais voltam, mas o que elle nunca faz é estar bequiaberto a ver se uma carambola é bem ou mal dada. Isso é que elle não faz. Honra lhe seja. E' um academico dignissimo e estimado por todos pela sua graça e muitas vezes pela sua fina piada.

**Anselmo Bahia.**—Este perfil não o fazemos nós.

Escreveremos aqui o que ha pouco ouviamos d'elle a uma mulhersinha que o conhece muito bem e, sabendo o que costumam ser estudantes, é uma admiradora do porte e caracter de Anselmo Bahia. Dizia-nos ella n'aquelle seu natural e sincero dizer: Não ha rapaz como aquelle de todos os que estudam no lyceu.

Não desfazendo de quem está presente, accudimos nós. Pois sim, contiua ella; mas olhe que é assim. Não sabe outro caminho que não seja de casa para as aulas e das aulas para casa.

Sempre muito serio e muito bem posto. E' um bellissimo rapaz.

Eis aqui o que a mulhersinha dizia d'elle e nós julgamos caracterisal-o perfeitamente. De resto, é de estatura regular, muito nutrido, bigode preto, rosto branco e um cerbo olhar que me faz não acreditar bem n'aquelle phrase da mulhersinha:—é muito serio.

*Eurico de Cartéa.*

EROTICOS

Eu não sei o que sinto quando vejo esse teu seio branco e deheado. E' tamanho, tamanho o meu desejo, que receio commetter algum peccado.

Sabes o que me tem appetecido quando te vejo sósinha p'la rua? Prender-te pela fimbria do vestido e abraçar-te em meu collo, semi-nua.

Depois aconchegar-te ao meu seio n'um amplexo d'amor muito feliz, para beijar n'um magico enleio, o teu rosto e a ponta do nariz.

*Paixão Bastos.*

AMOR E INDIFFERENÇA

(Ao meu amigo A. Granjo)

Eram 6 horas da tarde.

A estas horas o sol, poisado no cume das montanhas, dardejava os seus doirados e brilhantes raios sobre as cristallinas aguas do rio T, que, correndo branda e suavemente pelo seu leito de alvo granito, margina a pequena mas alegre e bonita villa de\*\*\*

Pouco depois o sombrio manto da noite começava a envolver tudo em espessas trevas.

As estrellas principiavam a povoar o azul do céu e vinham retratar a sua pequena imagem nas limpidas aguas.

Ao oriente, a magestosa e bella figura da lua apparecia e derramava por sobre a terra a sua pallida luz.

O rouxinol, escondido nos salgueiraes, soltava harmoniosos e agradaveis cantos, que, penetrando na nossa alma, nos deixavam extasiados.

Proximo da margem, n'um alegre e bonito palacete, habitava uma familia honesta, honestissima.

D'entre algumas filhas, que eram a alegria dos ditos paes, distinguia-se uma, não só pela sua peregrina belleza, como tambem pela alegria que sempre se via no seu devinal rosto. Era a mais bella das irmãs.

Alta, elegante, um todo de formas esculpturaes, os olhos vivos e brilhantes.

Uma perfeita fada!

Quando, ao amanhecer, apparecia á janella do seu quarto com os seus loiros e compridos cabellos estendidos pelas costas, mais se julgaria um anjo, que descesse do céu a abrir a corola das flôres, do que uma simples mulher.

Na mesma villa vivia um rapaz, que n'outro tempo alegre e contente, agora andava triste e meditando.

Qual seria a causa d'aquelle tristeza? Qual seria a magua que affligia áquelle rapaz tão novo, aquelle jovem para quem o futuro parecia reservar tão sorridentes felicidades?

Era o amor!...

Esse sentimento sublime que um dia ven bater á nossa porta e nos traz em continuos sobresaltos; esse sentimento mysterioso que nos enche o coração de fagueiras illusões e nos serve de lenitivo para as nossas desgraças!

Mas n'este, o amor, era bem differente...

E' porque receava, que a deusa dos seus pensamentos, essa mulher que elle idolatrava, não lhe retribuísse o amor verdadeiro e immenso, que elle lhe consagrava e lhe declarara n'uma carta com

as phrases mais amaveis e ternas que o seu coração lhe ditara.

Receava, que voasse do seu ninho de fada, para os braços d'outro amante mais feliz.

Eis a razão porque, n'aquelle bella e agradavel noite de primavera, vemos passear de cabeça inclinada para o peito e só, um jovem rapaz, ao qual longos traços de tristeza sulcavam o rosto.

.....  
.....  
Passados dois mezes o leito chamou para si este rapaz.

Quando ao anoitecer d'um certo dia, passava debaixo das janellas da mulher que possuuiu o seu coração, vieram distrahir-o os sons maviosos do piano e da rebecca e o ruído das walsas.

Era o vaile do noivado da fada.

Olhou para uma janella e viu a sua amada a conversar com um homem para elle desconhecido. Mas algumas phrases que ouviu o vieram esclarecer de tudo o que se passava,

Sentiu uma dôr aguda e viva no seu coração, abriu desmesuradamente os olhos e cahiu como desfallecido.

.....  
.....  
Certo dia, passando eu proximo do portal d'um convento, vi um homem pallido de olhar mortico e triste.

Approximei-me e reconheci aquelle a quem a desgraça matára.

Era o leal amante que, não podendo arrancar do seu coração a imagem da fatal mulher, queria ir para o claustro chorar e esquecer o seu passado.

Mas depressa deixaria de existir; porque a doença que o minava era grave e incuravel.

E aquelle mulher talvez nunca se lembrasse do infeliz amante!...

Braga 6—V—93

*A. M.*

RELIGIÃO E PATRIA

A' beira d'um abysmo immenso, vasto, fundo,  
Sentado sobre um marco denegrado, im-  
mundo

Estava um ancião.  
O seu rosto franzido, a côr d'um empes-  
tado,  
A barba neve em fio, velho, descarnado  
causava compaixão.

Se o visseis!... por largo tempo immo-  
vel, taciturno,  
Dos olhos revellava o brilho tão soturno  
Um intimo penar.  
Era o remoreço atroz da consciencia es-  
cura!  
Talvez qu'inda o facho d'uma luz meja  
pura

Ali a sciattillar.

E lá ao longe incendeia a dura impiedade  
As casas de oração; mata-se a christandade,

E faz tudo trêmer.  
E o phantasma impossível, o velho desgraçado  
Ergue a fronte pesada e sereno o malvado

Sorri ao isto vêr.

E lá fica a pallida imagem da indigencia,  
Da dor fiel estatua, typo da paciencia,  
Fito o olhar para o chão.

Aos ricos que em coches passavam se curvava,  
Mas a suja lama que á face lhe saltava  
Era o seu galardão.

Mas esta vida atroz, cruel e tão escura,  
Em a alegria e em luz, n'um dia de ventura,

Alfim se converteu.  
Em visão, uma Virgem lhe appar'ceu tão linda  
Era um anjo de Deus de belleza infinda  
Mais pura que o ceu.

O seu rosto era Amor e o todo Caridade!  
N'um mystico fervor com os olhos de bondade

Ella terna o encarou.  
E elle, com este olhar tão meigo captivado  
Fitou-a, tremeu, calhiu e no chão prostrado  
Sua mão lhe beijou.

.....

Passaram-se alguns dias: depois quando já apenas  
D'este feliz successo e das pungentes scenas

Só restava um pallór...  
Eu vi duas imagens bellas, tão queridas,  
Era a Patria e a Religião uma a outra unidas,  
Em osculos d'amor!

F. D.

NA CAMPA

A lua deslisa pela amplidão com a pallidez propria.

Distante, a desmaiar, uma serenata descanta melodiosamente atravez o espaço cantigas plangentes que entristecem a lua.

São tres academicos.

Desfilam pela rua abaixo até á casa em que morreu horas antes um collega.

As guitarras trinam prantos que ferem os seios arfantes das donzellas.

Passam á porta. Callam-se as guitarras. E elles cabisbaixos nem uma palavra proferem commentando a morte do seu amigo.

Um velho passa, contempla-os e chora.

\* \* \*

Dois dias passam.

E' ao romper do dia.

As lagrimas crystallinas da noite enfeitam a sepultura do mancebo que morreu.

Chegam tres vultos que ajoelham tristonhos.

Depõem no tumulo a ultima recordação, exclamando «Nunca mais!»

São os que dois dias antes lhe passaram á porta.

Atraz d'elles o povo curva-se dizendo: Leaes amigos.

Braga, 5 de maio de 93.

E.

ODE

Traducção de Horacio

(A. D. Alves da Cunha Junior)

O homem, pelo crime não manchado,  
Que innocente vae passando a vida,  
Jamais precisa de andar armado,  
o Fusco caro,

Quer atravez africanos sertões  
(E lá p'lo mais fabuloso lugar)  
Quer atravez inhospitas regiões  
passar queira.

Por isso, lá por longe vagueando,  
De cuidados livre, um lobo me foge,  
A mim, que a Lalagen estou cantando,  
A mim, inérme

Monstro tal nem da Daunia bellicosa  
Esses immensos bosques, nem de Juba  
A terra, em leões tão portentosa  
Jamais crearam.

Põe-me n'essas estereis regiões  
Onde a meiga brisa a planta não beije;  
N'um lugar da terra onde escuridões  
Só veja e gose;

Sob um ardente sol me manda c'locar;  
Lá n'um paiz selvagem, inhabitavel;  
Ahi amarei de Lalagen o fallar  
O doce rir.

Braga, maio, 93

M. Augusto Granjo

Lamentações d'um desgraçado

O' mãe para que creaste um filho, se a impia desgraça o acompanha e nunca passa para além de seu caminho?  
Mãe, porque não m'arrojaste ao mar onde achasse a morte se a inflexivel dura sorte verga o filho pobresinho?

Mãe, p'ra que deixaste ver do mundo a brilhante luz a teu filho que reduz a vida a um tormento atroz?  
Mãe deixas-me morrer?  
Deixa que eu sou desgraçado e nada faço ao teu lado,  
Mãe queres viver a sós?

Mãe deixas-me procurar no tumulo a mansidão?  
deixas o meu coração repousar n'um cemiterio?  
Mãe tu deixas-me escutar sob uma lapide fria o canto da cotovia,  
do mocho o pio funereo?

Mãe a vida é um açoute que flagella e tritura não deixas que a sepultura guarde o martyr teu querido?  
Deixa, sim; que eu alta a noute quando a cruz não alvejar irei teu somno velar,  
mãe que tanto tens soffrido.

E eu mandarei pelo vento que minha campa rossar um beijo que ha-de acalmar tuas dôres do abandono.  
A' noite um suspiro lento se ouvires, resa por mim.  
Mãe lembra-te sempre sim do que dorme o eterno somno.

J. P. Lameira.

A' MOCIDADE

Ficamos tão impressionados com a leitura dos bellissimos periodos que sob esta epigraphe collocamos em primeiro lugar que não podemos deixar de os proporcionar d'este modo á leitura e reflexão de todos os nossos collegas e assignantes.

Julgamos tambem d'esta forma prestar a homenagem, que em nós cabe, ao grande orador e ao verdadeiro patriota, o Snr. Alves Mendes, seu actor.

Enygma

Formar com as letras seguintes os nomes de 3 homens notaveis de Portugal.

		8		
		A		
1	2	1	3	2
L	H	C	G	M
7	2	1	1	1
O	I	D	J	N
	4	1	1	
	R	E	S	
	1	1	1	
	T	V	Y	

Os numeros que estão por cima das letras significam o numero de vezes que se hão de tomar.

O primeiro assignante que nos enviar a decifração d'este enygma receberá como premio «Os Lusíadas».

E. S.

Enygmas

KK

ZA  
M

BRAGA  
Imprensa do Collegio de S. Luiz  
O editor responsavel  
Manoel Antonio de Paiva